

**NOMADSUSP**

**A trajetória das mídias no espaço privado da habitação  
na cidade de Belo Horizonte**  
Angela Pereira Campos de Pinho. 2002

**como citar este texto:**

PINHO, A. P. C. D. A trajetória das mídias no espaço privado da habitação na cidade de Belo Horizonte. Monografia - disciplina SAP-5846 Habitação, Metrôpoles e Modos de Vida. São Carlos, EESC-USP, 2002. 297mmX210mm. 30p. Plantas. Disponível em:  
<http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html> Acessado em: dd / mm / aaaa

**RESUMO**

Este texto faz uma análise da evolução dos apartamentos em Belo Horizonte dos anos 1930 até os dias atuais, segundo as influências das mídias nos modos de vida de seus habitantes, e no desenho de seus espaços.

**WWW.NOMADS.USP.BR**



a trajetória das famílias  
no espaço privado  
da habitação  
na cidade de  
belo horizonte

Angela P. Campos de Pinho  
sap 5846

orientador: Prof. Dr. Marcelo Tramontano

são carlos . julho 2002

a trajetória das mídias no espaço privado da habitação  
na cidade de belo horizonte

angela pereira campos de pinho

universidade de são paulo  
escola de engenharia de são carlos

índice

|                             |    |
|-----------------------------|----|
| introdução                  | 04 |
| caminhos para a modernidade | 07 |
| edifícios de apartamentos   | 11 |
| a era da televisão          | 17 |
| a era digital               | 23 |
| conclusões                  | 27 |
| bibliografia                | 28 |

a trajetória das  
mídias no espaço  
privado  
da habitação  
na cidade de  
Belo Horizonte

## 1. Introdução

Este trabalho se insere no contexto de uma obra bem mais ampla, que engloba todo o trabalho de pesquisa desenvolvido pelo grupo Nomads, da EESC-USP. Ao analisar os novos modos de vida da sociedade contemporânea e suas conseqüentes novas formas de habitar o espaço construído, todas essas pesquisas buscam situar o problema em estudo dentro do contexto histórico que culmina nessas recentes mudanças.

É importante destacar que todos os processos de transformação pelos quais a sociedade tem passado fazem parte de um movimento contínuo, onde não se deve considerar cada nova invenção tecnológica como imposição externa à sociedade, mas como resultado de uma evolução que vai aos poucos criando o espaço e formulando demandas, antes desconhecidas, por essas novas formas de interação.

Esse ponto de vista encontra respaldo em LÉVY (1999) que critica o uso do termo "impacto", muitas vezes utilizado em referência às novas mídias: segundo o autor, as técnicas não podem ser vistas como algo estranho a toda significação e valor humano mas, ao contrário,

*não somente as técnicas são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas durante seu uso pelos homens, como também é o próprio uso intensivo de ferramentas que constitui a humanidade enquanto tal (junto com a linguagem e as instituições sociais complexas).*

De forma complementar, MITCHELL (2001) se refere à revolução digital como *produto da convergência gradual de diversos processos prolongados*, contrariando a idéia de que toda essa reorganização social e transformação cultural que ora presenciamos possa ser resultado de um único acontecimento drástico ou de alguma invenção isolada. Na verdade, o anseio de extrapolar os limites físicos de comunicação impostos pela condição humana leva o homem a uma busca constante de recursos que permitam essa superação. Percebe-se isso já nos desenhos rupestres, que de acordo com alguns autores seriam a primeira manifestação humana de telepresença.

O alfabeto surge, na Grécia antiga, quando surgem também a moeda e a democracia. Se,

naquele contexto, a difusão da prática da leitura permitiu aos letrados tomar conhecimento das leis e discuti-las, a imprensa, a seu tempo, possibilitou uma difusão sem precedentes do conhecimento que foi, a partir da existência dos jornais, o fundamento da opinião pública.

Segundo LÉVY (1996) *as gráficas representam a primeira indústria de massa, e o desenvolvimento tecnocientífico que elas favoreceram foi um dos motores da revolução industrial*. Assim pode-se ver como seqüência natural dessa evolução o surgimento de tantos inventos que marcaram a segunda metade do século XIX, período que alguns autores denominam *Segunda Revolução Industrial ou Revolução Científico-Tecnológica*. SEVCENKO (1998) cita, entre outros: os automóveis, o telégrafo, o telefone, a fotografia, o cinema, a radiodifusão, a televisão, os vasos sanitários com descarga automática, o fogão a gás, o refrigerador, além de várias inovações nas áreas de saúde e higiene.

Pode-se assim vislumbrar a magnitude das transformações ocorridas nos modos de vida a partir do final do século XIX. Mas esse processo de permanente transformação, exacerbado na atual era digital, é ao mesmo tempo fascinante e perturbador. Na visão de SEVCENKO (1998), o contato com esses novos recursos, associado às pressões de um mercado intrusivo, força pessoas e grupos a sucessivos ajustes de suas idéias, valores e modos de vida, o que inevitavelmente afeta suas vidas privadas.

Dentro do vasto universo de novas tecnologias que inundam a sociedade contemporânea, pretende-se focar aqui aquelas que se banalizaram no século XX e que de alguma forma podem ter uma influência mais marcante nos modos de vida domésticos. Procura-se, então, analisar até que ponto essa influência se faz perceber na arquitetura dos edifícios de apartamentos na cidade de Belo Horizonte.

Por "mídias" entende-se aqui, conforme definição encontrada em LÉVY (1999), *todo suporte de informação e de comunicação*. Entretanto, como o foco deste trabalho requer um recorte mais preciso, serão destacados o rádio, o telefone, o cinema, a televisão, jornais e revistas, os computadores associados a sistemas de telecomunicações, e demais interfaces que isoladamente ou em conjunto se prestam à troca de informações a distância.

Pode-se encontrar em KOPP (1990) uma síntese precisa do contexto que torna tão importantes nesse momento os estudos referentes à produção da habitação. Segundo o autor, *a imensa maioria da população não pode imaginar formas de habitação muito diferentes das que ela*

*conhece* e, buscando a “casa ideal” produz apenas uma repetição de modelos muitas vezes já ultrapassados. Assim, cabe aos arquitetos o papel de propor soluções novas, coerentes com os novos hábitos e novos modos de vida em acentuada transformação.

## 2.caminhos para a modernidade

O marco inicial da história das telecomunicações em Belo Horizonte não é outro senão o próprio nascimento da cidade. A construção daquela cujo propósito seria abrigar a nova capital do Estado de Minas Gerais ocorre sob forte influência da prosperidade da economia global decorrente da Revolução Científico-Tecnológica.

*A estabilização brasileira assinala uma sincronia com a ordem internacional, na medida em que no plano global o processo de transição desencadeado pela Revolução Científico-Tecnológica gerou um amplo excedente de produção, lançando o conjunto do sistema numa grande depressão, de que só iria emergir a partir dos anos de 1890. O reequilíbrio entre produção e consumo permitiria então um desafogo e a expansão dos negócios na Europa e nos Estados Unidos, ensejando um clima geral de otimismo e confiança ilimitada no crescimento econômico. (SEVCENKO,1998)*

A própria iniciativa de mudança da capital era determinada pela busca de uma nova organização condizente com os novos tempos. Já tendo sido utilizado na cidade um telégrafo pela primeira vez em 1895, instala-se , antes mesmo da inauguração oficial, a primeira linha telefônica a serviço da Comissão Construtora da Nova Capital, ligando seus departamentos administrativos. Em 26 de maio de 1900 um decreto do Governo do Estado regulamentava os serviços de telefonia e luz da Nova Capital, a princípio restritos apenas à área central (COSTA et NOVATO,1997).

A transferência da Capital do Estado para Belo Horizonte não ocorreu sem resistência daqueles que se viram obrigados a deixar sua cidade e partir para a Nova Capital. Assim, percorrendo a história de Belo Horizonte, percebe-se que a diversão funcionava como meio de manter as pessoas na cidade. Muito cedo criou-se o hábito das comemorações ao estilo de festas carnavalescas e, já na virada do século, a vida cultural da cidade se alimentava dos teatros, cafés, bares e até mesmo do futebol vindo da Inglaterra. A imprensa escrita registrava os momentos importantes da história e do cotidiano da cidade. *Em 1902, Belo Horizonte ganhou sua linha de bondes e entrou nos trilhos do futuro...* (CASTRIOTA, 1998) Segundo depoimento do Coletor Celso

Werneck, citado na obra OMNIBUS – uma história dos transportes coletivos em Belo Horizonte, os bondes concorreram para *melhorar sensivelmente as relações sociais e o movimento, em geral, da cidade.*

Atestado da sincronicidade da jovem capital com os avanços tecnológicos, a primeira notícia que se tem do uso de um fonógrafo em Belo Horizonte teria ocorrido em 20 de abril de 1896, na Sala da Biblioteca Pública. Em 2 de maio de 1908 foi inaugurado o primeiro piano elétrico, e a primeira experiência de radiotelefonia foi realizada em 30 de dezembro de 1922, entre Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Já em 12 de janeiro de 1914, a cidade passa a contar com os serviços da primeira lavanderia mecânica, com capacidade para lavagem de 150 peças de roupa por hora. (COSTA et NOVATO, 1997)

A área urbana da cidade planejada, delimitada pela Avenida do Contorno, previa a ocupação por 30.000 habitantes e, já na época da inauguração, contava com cerca de 10 a 12.000 (BH 100 anos). Mas, contrariando as expectativas dos planejadores, a ocupação mais efetiva se deu da periferia para o centro, principalmente pelas habitações dos trabalhadores da construção da Nova Capital que, não podendo arcar com o custo dos terrenos urbanos, construíam *cafuas*<sup>1</sup> nas zonas suburbana e rural. ( CASTRIOTA, 1998)

Esse adensamento predominante das áreas periféricas levou à criação de um novo Plano Geral da cidade, em 1933, redefinindo as zonas Urbana, Suburbana e Rural, estimulando o adensamento da área central e criando um gabarito com um número mínimo de pavimentos para a Avenida Afonso Pena e outras vias centrais. (ANDRADE et MAGALHÃES, 1998) Criam-se, dessa forma, condições que favorecem a verticalização da área central, atingindo primeiramente os imóveis comerciais e, logo em seguida, os residenciais.

A construção do primeiro edifício de apartamentos em Belo Horizonte, em 1939, encontra a cidade já inserida na era do rádio.<sup>2</sup> A primeira emissora da cidade, a Rádio Mineira, foi inaugurada em 1931 e teve papel importante na diversificação das comunicações na Capital. No

---

<sup>1</sup> Segundo Aurélio Buarque de Holanda, residências miseráveis.

<sup>2</sup> De acordo com SILVA ( 1998) em 1937 a cidade já possuía 22 mil aparelhos de rádio.

início dos anos 1930 surgem também os primeiros jornais políticos de circulação diária e as primeiras salas de cinema. Em 1940 a cidade já contava com várias revistas locais, sendo algumas de circulação nacional, e a tiragem dos dois maiores jornais superava, em 1947, os 15 mil exemplares. (SILVA, 1998)

O rádio já estava presente no país desde os anos 1920, mas só se tornou comercial e popular a partir de 1932, com a permissão pelo governo da publicidade nos programas de rádio. A partir daí, os programas de variedades começam a substituir as emissões educativas e a música erudita, o que torna o rádio um grande veículo da cultura de massas, com penetração maciça em todo o país, influenciando costumes e ditando modas. (CASTRIOTA et PASSOS). Segundo HOBBSAWM (1995), *o rádio transformava a vida dos pobres, e sobretudo das mulheres pobres presas ao lar, como nada fizera antes*. A capacidade de falar simultaneamente a milhões de pessoas de modo que cada uma se sentisse abordada individualmente, fazia do rádio uma das mais poderosas ferramentas de informação de massa.

Na visão de HOBBSAWM, *o rádio não transformou de nenhum modo profundo a maneira humana de perceber a realidade*. De fato, comparando-se com o advento da ferrovia, a influência do rádio na percepção da realidade não teve a mesma dimensão; entretanto, pode-se afirmar que a simples existência do rádio, fator de renovação da compreensão das distâncias territoriais, foi um vetor de inovações na vida cotidiana. Emissoras como a Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, emitiam ecos de um modo de vida metropolitano almejado por grande parcela da população.

A influência do rádio no uso do espaço doméstico se manifesta pela centralização da vida familiar em torno do novo aparelho, requalificando salas de estar ou de jantar como espaços de convivialidade do grupo doméstico. Da mesma forma que os jornais, mas com um tempo de resposta consideravelmente mais curto, o rádio permite uma certa interatividade através do uso combinado do telefone e dos correios.

Os anos 1930 foram marcados também pela consolidação do cinema como indústria. É o início da Era de Ouro do cinema, e a produção de Hollywood assume proporções impressionantes. A indústria cinematográfica americana produz mais que todos os outros países juntos, e essa nova mídia é, naquele momento, o principal veículo de divulgação do *American*

*Way of Life*, como nos mostra TRAMONTANO (1998).

Caracterizado pelo uso da imagem em movimento e do som, o cinema, absolutamente não interativo, tem uma influência profunda no subconsciente humano, pela sua forma de abordagem totalmente individual. De acordo com SEVCENKO (1992), *essas formas de comunicação (...) permitiram o controle político das imagens em função dos estados de ânimo desejáveis*, o que justifica o *cognome atribuído ao sistema vigiado e codificado de produção de filmes de Hollywood, como a "fábrica de sonhos"*.

Não é surpreendente que, a partir da explosão dessa mídia, tantas mudanças tenham ocorrido na sociedade de todo o mundo ocidentalizado, abrangendo desde o gestual até as expectativas com relação à aquisição de bens. O cinema funcionava como vitrine da indústria, propondo de forma subliminar o uso de novos produtos e novos materiais (TRAMONTANO, 1998).

É nesse contexto que se inicia a produção de edifícios de apartamentos em Belo Horizonte. Seria de se supor que muito do que foi produzido em termos de espaço privado da habitação na cidade tenha sido realizado sob influência desse novo veículo de comunicação. Mas certamente permaneceu forte o apego a um modo de vida tradicional, com raízes no modelo francês de habitação, até porque a construção de Belo Horizonte teve como parâmetro o modelo de urbanização implementado pelo Barão Georges-Eugène Haussmann na Prefeitura de Paris entre 1835 e 1870 (BH 100 anos).

Essa característica dualista foi percebida por Alfred Agache em relação ao modo de ocupação da cidade, quando da sua visita a Belo Horizonte em junho de 1940, a convite do então Prefeito Juscelino Kubitschek. O urbanista francês manifestou surpresa diante do contraste entre o crescimento desordenado e sem infra-estrutura da zona suburbana e o "centro urbano perfeito", o que o levou a considerar a cidade um paradoxo (SOUZA, 1998). De fato, essa perfeição, por assim dizer, da ocupação da área central, refletia progressos rápidos na infra-estrutura, não obrigatoriamente acompanhados em ritmo pela superestrutura. De acordo com SOUZA (1998), era muito mais lenta a evolução na *esfera social da ideologia, incluindo a religião, a arte, a política, a lei e todas as atitudes tradicionais*. Por esse motivo alguns emblemas da modernidade da época, como o maiô e a boate, só foram aceitos pela maioria da população a partir da década seguinte.

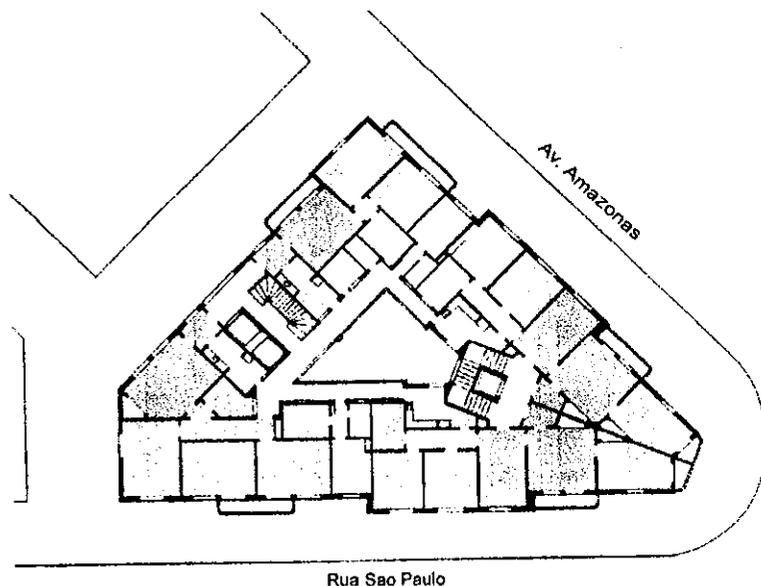
Travava-se uma batalha silenciosa entre o apelo de modernidade, trazido com as obras e inovações de Juscelino Kubitschek, e o apego à *tradição como forma de se resguardar a família, os costumes, a religião e a propriedade*. (SOUZA, 1998)

Não se pode ignorar a influência hollywoodiana nesse processo, considerando o papel do cinema, conforme já foi dito anteriormente, como vitrine da indústria e de um novo modo de vida criado para possibilitar à economia norte-americana a formação do mercado necessário ao desenvolvimento de seu parque industrial. Com raízes renascentistas, o sonho *hollywoodiano da casa no centro do jardim*, que TRAMONTANO (1998) cita como disseminado à quase totalidade do mundo ocidentalizado, se reproduz na Belo Horizonte da época, se não na íntegra, pelo menos nas *fachadas das pequenas residências de boa parte da classe média que vinha ocupando os novos bairros da cidade*. (SOUZA, 1998)

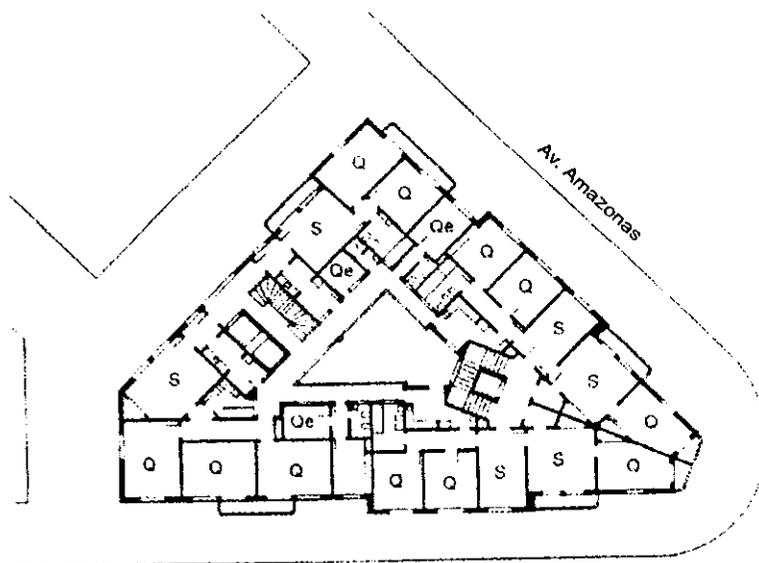
### 3.edifícios de apartamentos

A arrancada para o progresso marcou de forma inequívoca o período de 1930 a 1945 na cidade de Belo Horizonte. Eram abundantes as notícias, nos jornais locais, sobre a instalação de novos estabelecimentos industriais, comerciais e de serviços. A deficiência dos sistemas de transportes coletivos tornava atraente morar perto dos locais onde se encontravam disponíveis os novos produtos e serviços.

*A moradia verticalizada ganhou, nos anos 40, um novo status, inaugurando ao mesmo tempo vertentes populares, como o Conjunto do IAPI (White Lirio da Silva, 1942) que só seria concluído em 1951, e de luxo ou eruditas, como o Edifício Randrade (Luiz Pinto Coelho, 1941) na Praça Raul Soares. Morar em apartamentos deixava de ser solução preterida, passando a significar, entre outras coisas, um engajamento na modernidade da vida* (SOUZA, 1998).



Rua São Paulo



Rua São Paulo

## Edifício Lutetia

O Edifício Lutetia (Mário dos Santos Maia, 1939) foi o primeiro edifício de apartamentos construído em Belo Horizonte. O nome do edifício, inspirado num dos mais famosos, tradicionais e luxuosos hotéis parisienses, certamente não foi escolhido por acaso; traz consigo a expressão de exclusividade, distinção social, luxo e bem-viver do original parisiense. Esse primeiro marco da modernidade associada ao modo de vida doméstico pode ser considerado o retrato fiel daquele paradoxo citado anteriormente. Sua localização, a 100 metros da Praça Sete de Setembro, centro oficial da cidade e local do recém-inaugurado abrigo de bondes, não poderia ser mais cosmopolita. A volumetria do edifício, segundo PASSOS (1988) *assemelha-se às soluções do estilo cubista, usual na década de 30*. No entanto, as fachadas, repletas de detalhes decorativos, coroamento e outros elementos plásticos característicos de uma orientação academicista, revelam um espírito que evoca os palácios renascentistas. A análise

dos espaços internos, por sua vez, deixa clara a referência aos modos de vida parisienses do século XIX descritos por TRAMONTANO (1998). O fato de ter sido projetado por um arquiteto do Rio de Janeiro é explicado por PASSOS (1998) como consequência da escassez de profissionais locais, uma vez que a primeira turma da Escola de Arquitetura da UFMG, então Universidade de Minas Gerais, se formou em 1936. Entretanto, a importação do nome e de elementos de fachada, leva a crer que se tenha importado também o projetista, provavelmente com a intenção de legitimar a novidade frente ao conservadorismo da população local.

*O edifício compõe-se de: pavimento térreo com lojas; 2o. pavimento destinado a "ateliers", isto é, escritórios; do 3o. ao 6o. pavimento com três apartamentos de três quartos e um de dois quartos; e, finalmente, o 7o. pavimento, com apenas dois apartamentos, além de depósitos e terraços. (PASSOS, 1998)*

As plantas<sup>3</sup> representam o pavimento tipo do Edifício Lutetia, cuja conformação se baseia no máximo aproveitamento do terreno, atitude comum à época, característica da quase totalidade dos edifícios da área central de Belo Horizonte. Essa forma de ocupação encontra paralelo no apartamento burguês parisiense do final do século XIX, onde, segundo TRAMONTANO (1998)

*as aberturas das dependências de prestígio – salas e, eventualmente, quartos – estão, em geral, situadas na face nobre do edifício, o que no caso dos novos apartamentos significa, sem pestanejar, a que está voltada para a rua, seja lá qual for a sua orientação.*

Possivelmente a necessidade de se ocupar o terreno com o maior número possível de unidades habitacionais tenha sido o principal fator responsável pela criação de uma galeria que,

---

<sup>3</sup>As plantas de apartamentos são reproduções de figuras do livro Edifícios de Apartamentos: Belo Horizonte, 1939-1976. PASSOS (1998). As marcações coloridas são de nossa autoria.

situada ao longo das duas divisas laterais, torna o local particularmente agradável à circulação de pedestres, e para onde se voltam vitrines das lojas situadas no pavimento térreo.

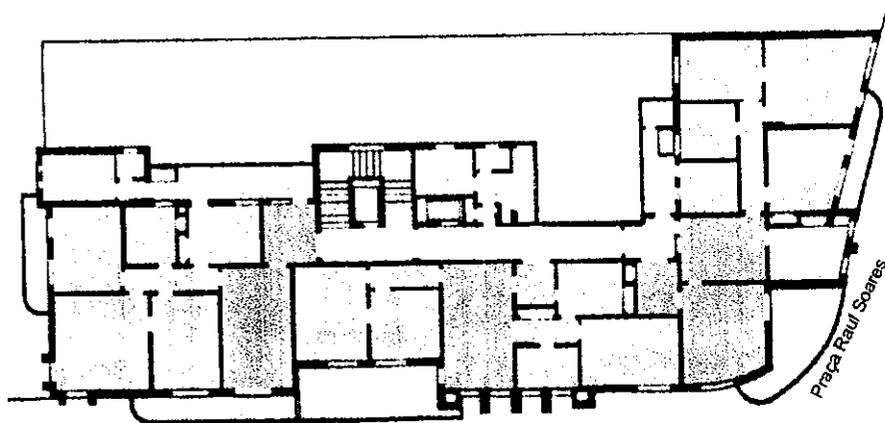
As áreas assinaladas em azul na planta são as que, pelo que se pode concluir a partir do projeto, se destinam ao convívio social; as áreas em verde se destinam ao uso particular da família, reunindo os quartos de dormir, o banheiro e a circulação entre esses espaços e as demais áreas; em amarelo estão assinaladas as áreas de cozinhas e dependências de empregados, que juntas configuram o assim chamado "setor de serviços" do apartamento. É interessante notar que os quartos e banheiros de empregados encontram-se completamente desvinculados dos apartamentos, ligados diretamente à galeria de serviços do pavimento, o que deixa clara a preocupação de divisão social dos espaços dos serviços e dos moradores em prédios que, como este, se destinavam à classe média.

Essa galeria de serviço contorna o vazio central de iluminação que, assim como o próprio edifício, repete a forma do terreno. É esse o local que concentra as circulações de serviço dos pavimentos residenciais do edifício e que tem a função adicional de complementar o espaço necessário a serviços domésticos como secagem de roupas, já que os apartamentos não contam com cômodo destinado a esse fim, e os tanques ficam localizados nas cozinhas.

Embora seja perceptível a influência do apartamento burguês parisiense na concepção desse edifício, a exigüidade de alguns espaços deixa dúvidas quanto à forma de utilização proposta. Os dois apartamentos voltados para a esquina possuem duas salas, e é provável que a mais próxima da cozinha seja destinada às refeições. A outra tem seu acesso intermediado por um vestibulo, o que leva a crer que seja uma "sala de visitas". O cômodo diretamente voltado para a esquina, indicado no projeto como quarto, poderia sem dúvida desempenhar o papel do "fumoir" do apartamento burguês, ou mesmo de um escritório.

Já os apartamentos de fundo, com a única sala voltada para a galeria, não contam com nenhum cômodo cuja função pudesse ser claramente definida como a da prestigiosa sala de refeições descrita por TRAMONTANO (1998) como parte do apartamento burguês. A julgar pela disposição dos cômodos desses apartamentos, pode-se supor que a sala teria a dupla função de receber visitas e fazer refeições, tendo em vista que a área da cozinha (4m<sup>2</sup> em média) não





Pode-se dizer com certeza que a ocupação do terreno se fez segundo os mesmos critérios de ocupação máxima e aproveitamento das faces nobres para os cômodos de prestígio, deixando um afastamento parcial junto a uma das divisas laterais para iluminação dos cômodos considerados secundários. A grande inovação apresentada por esse edifício não se refere a formas arquitetônicas ou a configuração interna dos espaços, mas ao fato de ser o primeiro edifício da cidade a contar com instalação de fogão elétrico nas cozinhas.

A divisão interna do edifício, nessa planta que representa os pavimentos 5º ao 10º, apresenta o apartamento voltado para a Praça como o mais valorizado. Os apartamentos desse edifício contam com um pequeno vestibulo que serve como *hall* de distribuição interna entre a sala principal e a cozinha ou área de serviço. É interessante observar que o apartamento central tem, como no Edifício Lutetia, a dependência de empregados completamente desvinculada dos demais espaços. Considerando-se a classificação desse edifício como de alto padrão, e levando-se em conta que os dois apartamentos maiores tem as dependências de empregados comunicando diretamente com área de serviço e cozinha, pode-se supor que essa desvinculação ocorrida no apartamento central se deve menos a algum critério de uso, e mais à limitação imposta pelos condicionantes já citados de aproveitamento das fachadas para áreas mais nobres.

Outro ponto interessante a observar, comparando-se os dois edifícios citados, é que, embora apresentem acomodações semelhantes, o Edifício Lutetia não parece ter sido considerado um empreendimento de luxo, como o foi o Edifício Randrade. Essa diferença de classificação, para edifícios localizados no mesmo bairro, com acabamentos que não parecem apresentar grandes diferenças entre si, leva a supor que o aporte de “luxuoso” se deve à modernidade dos fogões elétricos previstos para as cozinhas, à existência de área de serviço privativa, que certamente oferecia mais conforto para os moradores, ou mesmo às melhores condições de iluminação natural apresentadas no Edifício Randrade.

## 4.a era da televisão

Na segunda metade dos anos 1940, com programas de grande audiência, o rádio já demonstrava enorme poder de comunicação em Belo Horizonte. Mas nada iria se igualar ao sucesso da chegada da televisão. Já presente no Rio de Janeiro desde 1950 e em São Paulo desde 1952, a televisão demoraria poucos anos mais para se tornar realidade na ainda jovem Belo Horizonte.

A entrada da televisão no cotidiano belo-horizontino foi acompanhada de um entusiasmo que fica claro quando, segundo relatos de jornais da época, os aparelhos começaram a ser vendidos cerca de três anos antes da inauguração da primeira emissora - era uma maneira de garantir a participação nesse novo tempo que se anunciava. A inauguração da TV Itacolomi, em novembro de 1955, encontrou a cidade em pleno processo de verticalização.

Não fugindo à regra, o acesso a essa nova mídia era, a princípio, privilégio de uma minoria mais abastada. De acordo com HOBBSAWM (1997) embora jamais tenha alcançado o rádio em termos de portabilidade, pelo menos considerando-se a manutenção da qualidade de imagem, a televisão logo se tornou universal e acessível mesmo às classes menos privilegiadas.

A localização desse novo eletrodoméstico dentro do espaço privado da habitação não suscitava dúvidas; deveria ser instalado na sala de visitas, local mais apropriado para a reunião da família e mesmo de vizinhos em torno do novo espetáculo. Cômodo de prestígio, vitrine do êxito sócio-econômico do grupo doméstico, este era também o lugar onde seria mais provável a existência de uma tomada de energia que pudesse ser utilizada para alimentação da televisão, já que os rádios tinham ali um posto cativo.

Em seu livro e-topia, MITCHELL (2001) estabelece uma analogia entre as mudanças de hábito provocadas pelo início dos sistemas de canalização de água, a posterior eletrificação, e a atual distribuição da informação em rede: o poço onde se buscava água funcionava como ponto de encontro da comunidade até que a água passou a ser distribuída nas residências; a lareira, enquanto única fonte de luz e calor do interior da casa, agregava em torno de si o grupo doméstico nos momentos de descontração, até que o gás e a eletricidade tornaram a luz e o calor

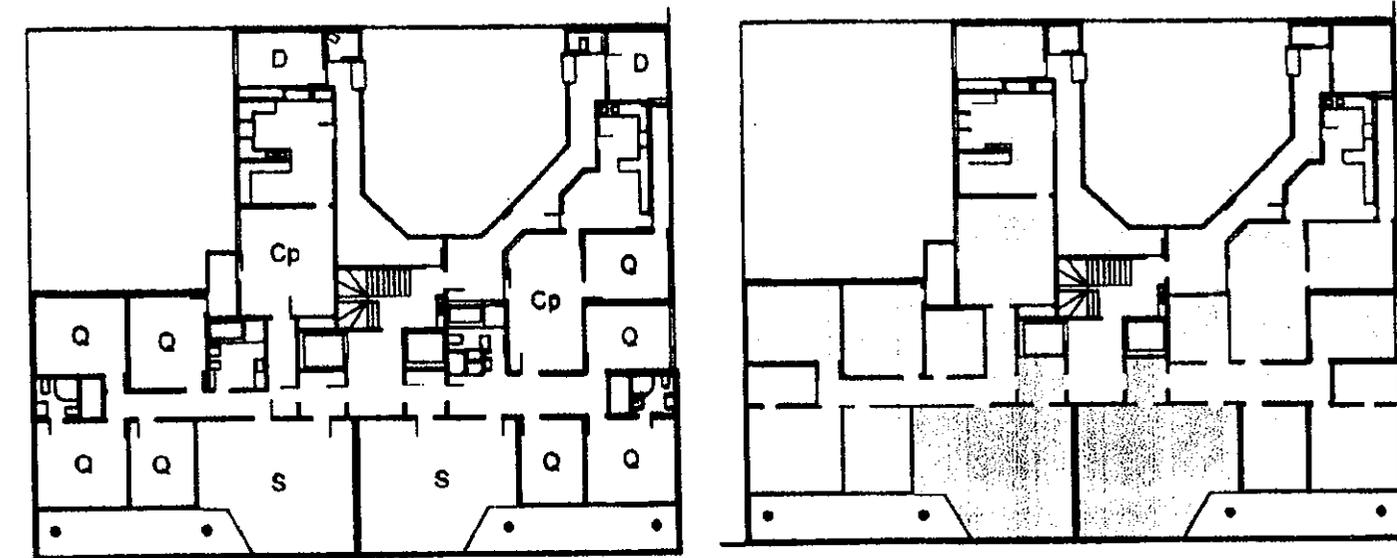
disponíveis em todos os cômodos. De forma semelhante, a entrada do rádio e da televisão no ambiente residencial criou, a princípio, um elo de união física do grupo doméstico em torno de si. Mas, ao contrário da convivência em torno do fogo, que era propícia ao diálogo, a televisão requer atenção visual e auditiva, não restando assim praticamente nenhuma opção de comunicação paralela durante a programação.

Quando se dissemina o uso do controle remoto, já na década de 1980, nem os intervalos comerciais podem mais ser usados como breve espaço de diálogos esparsos entre os espectadores. E quando a televisão se multiplica dentro do ambiente doméstico, e também se multiplicam as opções de programação, nem mesmo a presença física comum diante do aparelho se processa, já que cada indivíduo pode optar por uma programação específica, eventualmente assistida dentro de seu próprio ambiente particular. A cena da família reunida em torno do rádio ao final do dia, citada por TRAMONTANO (1998) como recorrente em diversas partes do mundo, foi substituída pela reunião do grupo doméstico diante da televisão, e pela posterior dispersão dos indivíduos desse grupo entre os espaços privados da residência. Esse processo se insere numa tendência, mais ampla, de acentuação da individualidade, verificada há séculos e reforçada na segunda metade do século XX. A introdução da produção cinematográfica na televisão vai aos poucos reforçando a idéia, já esboçada no início do século, de que a individualidade é um traço de modernidade.

Em Belo Horizonte, como em toda a sociedade ocidentalizada do século XX, as variações quantitativas e qualitativas dos grupos domésticos ocorrem paralelamente ao surgimento de novos usos para os espaços da habitação. A média de pessoas por família no Brasil passa de cinco em 1960 a 3,87 em 1990 (TRAMONTANO, 1998); nesse mesmo período observa-se uma redução na área útil média dos apartamentos, enquanto novos equipamentos vão sendo integrados a esses espaços. Ainda segundo TRAMONTANO (1988), a estrutura espacial das habitações resultante do processo de industrialização não sofre muita influência da classe social de seus ocupantes. O que se apresenta como diferença fundamental é o dimensionamento dos espaços, a quantidade de cômodos e, possivelmente, a quantidade de equipamentos disponíveis no espaço doméstico, de acordo como o poder aquisitivo do grupo.

Percebe-se uma certa similaridade entre a trajetória da televisão e do telefone no espaço privado da habitação. Ocupando a princípio um posto próximo da entrada, portanto um espaço de recepção e prestígio, esses aparelhos foram gradativamente ganhando espaço em cômodos até então de caráter privado, como quartos e banheiros, tornando-se onipresentes e, em algumas camadas da população, superando em número os habitantes.

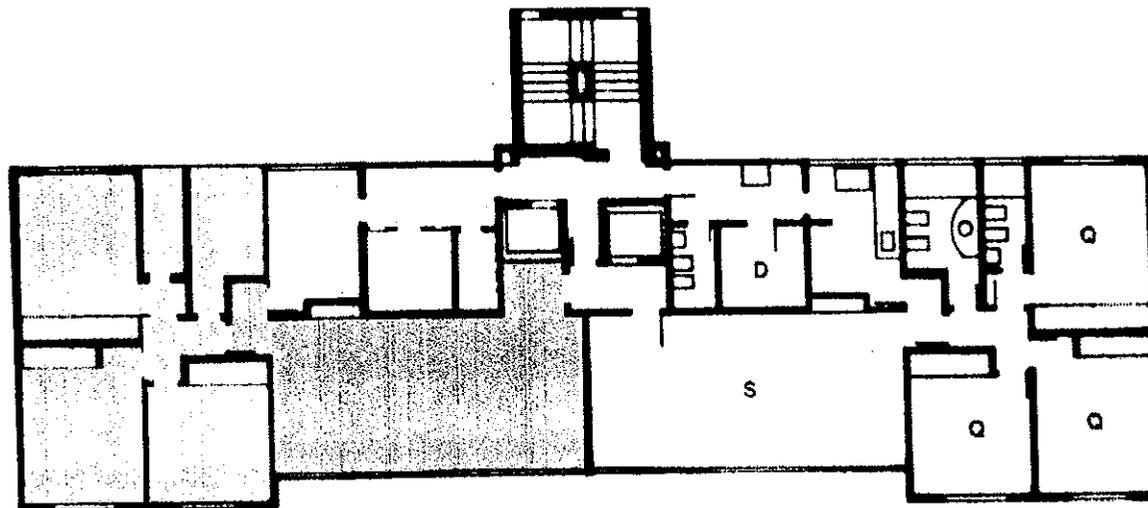
### Edifício Senhora de Fátima



O Edifício Senhora de Fátima (Rafael HARDY Fº, 1954) é um exemplar da produção de edifícios de apartamentos em Belo Horizonte nos primeiros anos da chegada da televisão à cidade. Considerando-se a data do projeto, é provável que sua inauguração se situe pouco depois da abertura da primeira emissora local de televisão.

Estes apartamentos apresentam basicamente as mesmas características dos demais analisados, com uma diferença no que se refere aos espaços internos dos cômodos, que se mostram bem mais generosos. Com certeza se trata de um imóvel destinado a classes mais abastadas, e é interessante observar a importância da copa: pelo seu tamanho, parece ser uma sala de refeições, portanto espaço de recepção; mas sua completa desvinculação da sala de visitas leva a supor que se destina ao convívio familiar. Além disso observa-se que a cozinha apresenta uma subdivisão que pode significar uma distinção entre área de produção de alimentos e área de refeições e convívio familiar. A disposição dos cômodos e circulações permite o uso de todas as dependências do apartamento sem a necessidade de passar pela sala de visitas, o que pressupõe o seu uso exclusivo como espaço de prestígio e recepção. A elucidação do uso proposto para sala e copa, e a possível destinação de um destes espaços para a televisão seria possível pela análise dos projetos originais de instalações elétricas, que infelizmente não se encontram disponíveis.

## Edifício Serra Morena



O Edifício Serra Morena (Raul dos Lagos CIRNE, 1976), representado acima, apresenta uma característica de distribuição interna que se torna constante a partir da época de sua construção. As salas de jantar e de estar – não mais a sala de visitas – se fundem num espaço único, sem aparente redução da área total do apartamento.

Enquanto a televisão vai ganhando espaço dentro da residência, percebe-se que ela tende a desaparecer da sala principal, e observa-se, em muitos apartamentos, a utilização de um dos

quartos como “sala de televisão”. A partir dos anos 1980 chega a ser quase uma constante, nos apartamentos mais caros, a inclusão de uma “sala de TV” ou “estar íntimo”, pois a televisão já não é um espetáculo; tornou-se parte da rotina e da vida privada do grupo doméstico, acompanhando todas as atividades dentro de casa<sup>4</sup>. A chegada dos equipamentos de *home theater*, ainda restritos a uma parcela ínfima da população, traz de volta a TV para a sala principal da casa, pois agora é necessária uma distância maior para que se possa ter uma visão adequada da tela, já de dimensões muito maiores, e ao mesmo tempo esses equipamentos representam um elemento de demonstração de *status* que não se justifica fora das áreas de prestígio da residência. O espaço que já foi do jornal, do rádio e da TV, é ocupado agora por um conjunto de equipamentos que oferecem, além da imensa variedade da programação das emissoras, uma infinita opção de filmes e entretenimentos diversos veiculados pelos videocassetes e DVDs.

À semelhança do que ocorre com o telefone, o papel da televisão vai se transformando, ampliando e sofisticando a partir de sua associação a outros equipamentos. Se o videocassete já oferecia a oportunidade de um certo controle da reprodução do filme pelo usuário, o DVD, por sua vez, oferece uma gama muito maior de opções de controle, incluindo até mesmo o idioma falado e do subtítulo. Mais uma vez se faz valer a analogia de MITCHELL (2001): enquanto recurso escasso, determinado pelo alto custo inicial, esse conjunto se torna vetor de reunião do grupo doméstico em torno de si, até que sua posterior banalização e multiplicação dentro do espaço da habitação propicie nova dispersão dos indivíduos.

---

<sup>4</sup> Arquivo iconográfico Nomads-USP – apartamentos paulistanos – [www.eesc.sc.usp.br/nomads](http://www.eesc.sc.usp.br/nomads)

## 5.a era digital

Na década de 1980 entram os *personal computers* no espaço privado da habitação brasileira e belo-horizontina. Da mesma forma que as mídias anteriores, os computadores se restringem, a princípio, a uma parcela privilegiada da sociedade. Entretanto, a uma velocidade muito maior, tendem a se banalizar e se tornar acessíveis a um número cada vez maior de indivíduos.

Por mais paradoxal que possa parecer, é preciso dar razão a diversos autores que realizam uma leitura da atual era digital como, de uma forma ou de outra, uma volta ao passado. TRAMONTANO (1998) destaca a semelhança entre os atuais *lofts* e os espaços de morar da Idade Média. Sem dúvida, muitas semelhanças se há de encontrar entre essas duas concepções de moradia, sobretudo no que se refere à sobreposição e alternância de funções dos espaços, e mesmo de algumas peças de mobiliário.

Já na visão de MITCHELL (1999), a volta ao passado seria uma das características das novas configurações urbanas cuja tendência se anuncia com a progressiva interrelação entre espaços de trabalho e de moradia. Nesse sentido, o autor alerta para a necessidade de separação dos espaços destinados a essas duas finalidades dentro do ambiente doméstico, embora no contexto urbano a separação pareça vir perdendo sua razão de ser, em virtude das características de não poluição das novas modalidades de trabalho descentralizado, realizado através de redes de computadores.

Diante disso faz-se necessário buscar, através da arquitetura, soluções que respondam às novas demandas que se instalam. Aparentemente já não faz sentido produzir habitações dentro dos moldes funcionalistas esboçados desde a Renascença, para abrigar o indivíduo da era digital. É certo que o ser humano tem necessidades e características ancestrais, mas a forma de viver o dia-a-dia certamente se alterou de maneira brutal.

É consenso entre diversos autores o enorme crescimento da importância do espaço doméstico nos dias atuais. MITCHELL (1999) salienta que as *relações primárias* entre os

indivíduos, aquelas que envolvem pessoas mais próximas, com ou sem parentesco, se realizam principalmente dentro do espaço privado da habitação, e tendem a continuar fazendo parte dessa instância, ainda que de forma diversa. As *relações secundárias*, que se desenvolvem entre amigos, colegas de trabalho ou mesmo no comércio, estas sim, podem ter suas características afetadas pelas novas possibilidades de comunicação, mas as alterações que se insinuam são antes de diversificação que de substituição.

Analisando a produção mais recente de edifícios de apartamentos em Belo Horizonte, pode-se encontrar ainda a mesma dualidade que vem acompanhando esse processo desde o seu início, há cerca de seis décadas. Tomamos como exemplo um edifício de apartamentos em início de construção no momento, com previsão de término até o final de 2003, e que apresenta algumas inovações interessantes em termos de previsão de uso dos espaços, mas guarda ainda uma relação íntima com a concepção de espaços moldada no passado renascentista.<sup>5</sup>

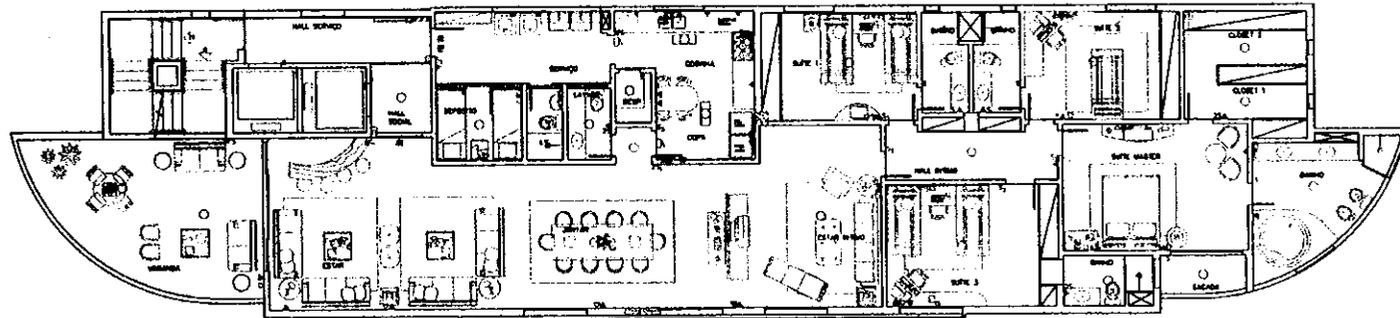
O edifício em análise se destina às classes mais abastadas, cujos representantes, em sua maioria, ainda buscam no passado distante a referência do funcionamento doméstico. Assim, pode-se perceber, nesse apartamento, a nítida separação entre espaços de serviços, espaços íntimos e espaços de receber, onde somente a área social se isenta da compartimentação, oferecendo a possibilidade de um ambiente contínuo com alguma flexibilidade de uso. Mas essa flexibilidade se torna limitada a partir do momento em que se estabelecem de forma estática os acessos às áreas íntima e de serviços, e a entrada social do apartamento. Na verdade, não há alternativa de uso que possa se diferenciar muito de um padrão previsto *a priori*, e mesmo a montagem de um espaço de trabalho para um ou mais membros do grupo doméstico, caso se faça essa opção, fica limitada a dividir espaço com as atividades de convívio social, ou se instalar num dos quartos, alternativa que se torna possível para grupos menos numerosos.

As principais inovações podem ser percebidas a partir da análise dos projetos de instalações. Em primeiro lugar, observa-se que a própria concepção desses projetos já apresenta diferenças significativas em relação ao que se praticava há alguns anos. Os projetos complementares de um edifício residencial eram compostos por: estrutural, instalações hidro-

---

<sup>5</sup> Edifício Palazzo Barberine, arquiteto Oscar Ferreira, 2001

sanitárias, instalações elétricas, telefonia, prevenção e combate a incêndio e, em alguns casos, projetos especiais de segurança através da instalação de alarmes, etc. No caso em análise, representativo de uma boa parcela dos projetos em desenvolvimento para esse padrão de edificação na cidade de Belo Horizonte, o projeto de telefonia foi substituído por um projeto de telecomunicações, mais abrangente, e com diferenças significativas de concepção. A instalação de antenas coletivas para televisão, ou a mais recente instalação de TV a cabo, que antes era vinculada ao projeto de instalações elétricas, passa a interagir com o projeto de telecomunicações, que oferece opção de alternância de uso de alguns pontos de alimentação, ou uso concomitante do mesmo sistema em locais diferentes. No entanto, esses pontos são distribuídos de acordo com uma previsão de uso mais ou menos rígida, com poucas alternativas de flexibilidade. Surgem diferenciais como a possibilidade de conexão de certos eletrodomésticos, como, por exemplo, a geladeira, à rede interna de automação, e dessa rede interna com a rede local do edifício, e assim com a rede externa, etc.



6

<sup>6</sup> A planta apresentada é reprodução de arquivo do autor.

Outro diferencial que surge imperativo é o ponto para televisão ou computador nos banheiros principais do apartamento, o que vem reafirmar a tendência já esboçada em pesquisa recente do grupo Nomads sobre as preferências de uso dos espaços domésticos<sup>7</sup>. A televisão, já há muito onipresente, tem instalação prevista em todos os quartos, salas, cozinha, quarto de empregada, e eventualmente na varanda. Os computadores também podem ser conectados em qualquer cômodo, sempre vinculados à existência de pontos da rede de telecomunicações.

O sistema de cabeamento que permite a interligação dos diversos aparelhos eletro-eletrônicos dentro do ambiente doméstico, e deste com redes externas, já é uma resposta à necessidade que surge quando se inicia o uso combinado desses aparelhos. Os vídeo-games se associam à TV usando-a como suporte de imagem, os mesmos vídeo-games, ligados à TV e conectados à linha de telefone, permitem conexão à Internet, os computadores se conectam à internet via linha telefônica ou cabo de TV, os telefones celulares possibilitam outras forma de conexão à Internet, as geladeiras com sistema de controle de estoque permitem a programação antecipada da reposição de produtos. E o mesmo equipamento de TV pode veicular dois tipos de transmissão ao mesmo tempo, para diferentes cômodos da habitação.

---

<sup>7</sup> Primeira e-pesquisa Nomads-USP. Comportamentos & Espaços de morar – [www.eesc.sc.usp.br/nomads](http://www.eesc.sc.usp.br/nomads)

## 6. conclusões

O que se pode perceber a partir da análise desta pequena amostra de apartamentos aqui colocada, é que as mudanças ocorridas na estrutura espacial dos apartamentos, desde os anos 1930 até os dias atuais, se mostram muito restritas, se consideradas as mudanças ocorridas nos costumes e modos de vida domésticos no mesmo período. E essa escassez de novas configurações observada em Belo Horizonte só vem reforçar uma tendência presente nas outras metrópoles brasileiras, como demonstram os demais estudos em desenvolvimento pelo grupo de pesquisas Nomads-USP.

A tendência que se verifica de superequipamento do espaço doméstico não é acompanhada por uma adequada revisão de conceitos projetuais. Apenas se equipam quartos, banheiros, cozinhas e ambientes de convívio, que continuam isolados por paredes estáticas, contendo mobiliário também estático e unifuncional. Uma análise restrita dos mais recentes edifícios de apartamentos, seja qual for a classe sócio-econômica a que se destinam, levaria a supor que existe um único padrão de grupo doméstico, composto por um casal com dois a quatro filhos, e que todos os membros do grupo familiar tenham suas atividades de trabalho e estudo fora do ambiente doméstico. Sabe-se, no entanto, que esta não é a única realidade das cidades brasileiras.

## 7.bibliografia

ANDRADE, Rodrigo Ferreira, MAGALHÃES, Beatriz de Almeida. A Formação da Cidade. *in* CASTRIOTA, Leonardo Barci (org.). Arquitetura da modernidade. Belo Horizonte: UFMG, 1989.

Estado de Minas BH 100 anos: nossa história. Belo Horizonte: *Estado de Minas*, 1997.

CASTRIOTA, Leonardo Barci, PASSOS, Luiz Mauro do Carmo. O “estilo moderno”: arquitetura em Belo Horizonte nos anos 30 e 40. *in* CASTRIOTA, Leonardo Barci (org.). Arquitetura da modernidade - Belo Horizonte: UFMG, 1989.

COSTA, José Eduardo, NOVATO, Ana Cristina. OS PRIMEIROS 100 ANOS - BELO HORIZONTE. Belo Horizonte:Gráfica e Editora 101, 1997 234p

HOBBSAWM, E. Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991). Cap. 10: A Revolução Social. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 282-336.

KOPP, Anatole - Quando o moderno não era um estilo, e sim uma causa.  
Tradução de Edi G. de Oliveira - São Paulo: Nobel - Editora da Universidade de São Paulo,1990

LÉVY, Pierre. *Tecnologias da Inteligência*. São Paulo: 34, 1ª ed.1993, 9ª Reimpr. - 2000  
Título original: Les technologies de l'intelligence Éditions. La Découverte, Paris, 1990

MITCHELL, W. E-Topía: “Vida urbana, Jim; pero no la que nosotros conocemos”. Barcelona: Gustavo Gilli, 2001.

PASSOS, Luiz Mauro do Carmo. Edifícios de apartamentos: Belo Horizonte, 1939-1976. Belo Horizonte, ap cultural, 1998.

ROSA, Eleonora S. (supervisão geral). OMNIBUS – Uma história dos transportes coletivos em Belo Horizonte. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1996

SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SEVCENKO, Nicolau (org.). História da vida privada no Brasil. v. 3: República: da Belle Epoque à Era do Rádio. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SILVA, Luiz Roberto. Doce Dossiê. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1998. 296p.

SOUZA, Renato José de. A arquitetura de Belo Horizonte nas décadas de 40 e 50: utopia e transgressão. *in* CASTRIOTA, Leonardo Barci (org.). Arquitetura da modernidade - Belo Horizonte: UFMG, 1989.

TRAMONTANO, M. Novos modos de vida, novos espaços de morar - Paris, São Paulo, Tokyo: uma reflexão sobre a habitação contemporânea. Tese de Doutorado. São Paulo: FAUUSP, 1998.

VAZ, José de Oliveira. TV ITACOLOMI, sempre na liderança: a história de uma tele-emissora. Belo Horizonte: Estado de Minas, 1995.